



Só em 2012, perderam o emprego 83 mil pessoas que trabalhavam no sector da construção em Portugal

Construtoras enganam a crise à boleia dos mercados externos

Estratégia As principais empresas de construção e obras públicas do distrito de Leiria já não passam sem os negócios angariados no estrangeiro, que são mesmo a prioridade no futuro

Cláudio Garcia

As empresas Aníbal Cristina e JJR valiam 60 milhões de euros em faturação no ano de 2008 e estavam entre as maiores construtoras do distrito de Leiria. Hoje continuam na frente do sector a nível regional, mas precisaram de rever estratégias, apostando na internacionalização, de modo a contornar o profundo abrandamento das atividades de construção civil e obras públicas.

"A crise no sector em Portugal provocou uma alteração significativa na estratégia do Grupo AOC" e "a falta de investimento privado e público levou a uma viragem para o exterior", explica Idalina Rodrigues, que pertence à administração da Aníbal Cristina. A internacionalização é agora encarada pela empresa de Leiria como o principal veículo para a manutenção e desenvolvimento de negócios. Em Moçambi-

que, o Grupo AOC está a construir a futura sede do Banco de Moçambique em Nampula; em França tem projetos na área da habitação; na Colômbia vai fornecer estruturas metálicas; na Suécia terminou a construção de silos industriais. De empresa 90% focada no mercado português, transitou para uma estrutura em que mais de 60% do volume de negócios de 2012 já resultou de obra no estrangeiro. "Essa decisão garante-nos hoje a continuidade", reconhece Idalina Rodrigues.

Também no caso da JJR, "a quebra no sector das obras públicas originou um repensar de estruturas" e justifica "a aposta nos mercados exteriores", refere Maria da Luz Rodrigues, administradora no Grupo JJR. Com sucesso em Moçambique, a construtora de Leiria não abandona, contudo, o mercado interno, onde mantém interesses em diversos nichos, sobretudo

na área da manutenção e conservação de estradas.

Já no Grupo Lena, a internacionalização é um desígnio antigo, mas o processo foi acelerado desde o início da crise. "O investimento com mais de 15 anos realizado na internacionalização permite agora colher frutos significativos", explica o CEO Joaquim Paulo Conceição, reconhecendo, no entanto, que a recessão doméstica fez orientar toda a organização para as atividades da construção, ambiente e energia a exercer sobretudo além-fronteiras. "Emagrecer em Portugal para crescer bem fora", explica.

Desde 2010, o plano de reestruturação do Grupo Lena permitiu poupanças importantes, atualmente superiores a 40 milhões de euros anuais. E ao mesmo tempo levou à criação de comissões executivas para cada um dos mercados internacionais, sublinha Joaquim Paulo Conceição. O resultado está à vista: em 2013, cerca de 80% da faturação esperada de 900 milhões de euros será fruto dos mercados internacionais.

claudio.garcia
@regiaodeleiria.pt

Mudanças

Aníbal Cristina

De uma empresa focada em 90% no mercado português, o Grupo AOC, com sede em Leiria, passou para 60% de faturação no estrangeiro em 2012. Tem presença efetiva em França e Moçambique e negócios na Colômbia e Suécia. Pretende atingir os 40 milhões de volume de negócios em cinco anos.

Grupo Lena

Com mais de 15 anos de atividade no exterior, o Grupo Lena acelerou a internacionalização e está hoje em nove países. A carteira de obras, 4 mil milhões de euros, está em 96% no estrangeiro. A construção de casas na Venezuela (25.000) e na Argélia (20.000) e as obras em Angola são os destaques lá fora.

JJR

Moçambique é agora um dos mercados de eleição da construtora de Leiria. No entanto, a aposta na internacionalização não inviabiliza o continuar da atividade em Portugal, centrada em nichos de mercado, sobretudo na área da conservação, manutenção e reabilitação de estradas.